

Tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. MATEUS 6.6

Ó que paz nós desprezamos, ó que dor desnecessária sofremos, só porque nós não levamos tudo a Deus em oração! JOSEPH SCRIVEN

A Oração O PODER DO PRAZER CRISTÃO

Uma objeção comum ao prazer cristão é que ele coloca os interesses humanos acima da glória de Deus — minha felicidade antes da honra de Deus. O prazer cristão, porém, definitivamente não faz isso. Na verdade, nós que buscamos o prazer cristão esforçamo-nos em procurar nossos interesses e nossa felicidade com toda a nossa força. Endossamos a resolução do jovem Jonathan Edwards: "Resolvi: esforçar-me para conseguir para mim mesmo o máximo possível de felicidade no outro mundo, com todo o poder, força, vigor, veemência e até violência de que seja capaz ou consiga reunir e qualquer maneira em que consiga pensar".

Descobrimos com a Bíblia (e com Edwards!) que o interesse de Deus é magnificar a plenitude da sua glória, fazendo-a transbordar em misericórdia sobre nós. Por isso a busca dos nossos interesses e da nossa felicidade jamais está acima da de Deus, mas sempre dentro da de Deus. A verdade mais preciosa da Bíblia é que o maior interesse de Deus é glorificar a riqueza da sua graça fazendo pecadores felizes nele — NELE!

Quando nos humilhamos e não assumimos ares de autossuficiência, mas corremos alegremente para a alegria do abraço do nosso Pai, a glória da sua graça é magnificada e o anseio da nossa alma é satisfeito. Nosso interesse e a sua glória são a mesma coisa.

Por essa razão, cristãos que buscam o prazer não estão pondo a sua felicidade acima da glória de Deus quando buscam sua felicidade nele.

Por que o cristão que busca o prazer está de joelhos

Uma das evidências de que a busca da nossa alegria e a busca da glória de Deus devem ser a mesma coisa é o ensino de Jesus sobre oração no Evangelho de João. As duas declarações-chave estão em João 14.13 e 16.24.

Uma mostra que a oração é a busca da glória de Deus.

A outra mostra que a oração é a busca da nossa alegria.

Em João 14.13, Jesus diz: "Tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho". E em João 16.24 ele diz: "Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa". A união desses dois objetivos — a glória de Deus e a alegria dos seus filhos— é claramente preservada no ato da oração.

Por isso, o cristão que busca o prazer será, acima de tudo, uma pessoa consagrada à oração séria. Assim como o cervo sedento se ajoelha para beber no riacho, a postura característica do cristão que busca o prazer é de joelhos.

Olhem mais de perto a oração como busca da glória de Deus e como busca da nossa alegria, nessa ordem.

A oração como busca da glória de Deus

Ouçã mais uma vez as palavras de Jesus em João 14.13: "Tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho". Imagine que você está totalmente paralisado e não pode fazer nada por Si mesmo, a não ser falar. E imagine que um amigo forte e confiável prometeu morar com você e te ajudar em tudo o que você precisar fazer.

Como você pode glorificar seu amigo se um estranho vem ver você?

Você tentaria glorificar sua generosidade e força tentando sair da cama a carregando-o?

Não! Você diria: "Meu amigo, por favor venha levantar-me, ponha um travesseiro nas minhas costas para que eu possa olhar para o meu visitante. E, por favor, ponha os óculos em mim".

Desse modo, seu visitante concluiria a partir de seus pedidos que você está impossibilitado e que seu amigo é forte e gentil.

Você glorifica seu amigo precisando dele, pedindo-lhe que o ajude e dependendo dele.

Em João 15.5, Jesus diz: "Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer". Portanto, somos realmente paráliticos. Sem Cristo não somos capazes de nada bom. Como Paulo diz em Romanos 7.18: "Em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum".

Mas, de acordo com João 15.5, Deus quer que façamos algo bom — dar fruto. Assim, como nosso amigo forte e confiável — "Tenho-vos chamado amigos" (Jo 15.15) — ele promete fazer por nós o que não podemos fazer pessoalmente.

Como, então, podemos glorificá-lo? Jesus dá a resposta em João 15.7: "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito".

Nós oramos!

Pedimos a Deus que faça por nós por intermédio de Cristo o que não podemos fazer por nós mesmos — dar fruto. O versículo 8 apresenta o resultado: "Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto". E como Deus é glorificado pela oração?

A oração e a admissão pública de que sem Cristo não podemos fazer nada.

Orar é desviar-se de Si mesmo para Deus, na confiança de que ele providenciará a ajuda de que precisamos. A oração nos humilha, como necessitados, e exalta Deus, como rico.

Se você o conhecesse, você pediria!

Em outro texto em João, que mostra como a oração glorifica a Deus, Jesus pede a uma mulher que lhe dê um copo de água: (Jo 4.9,10).

Se você fosse um marinheiro severamente afligido de escorbuto, e um homem generoso viesse a bordo com os bolsos cheios de vitamina C e lhe pedisse um gomo de laranja, você até poderia dar-lhe. Mas se você soubesse que ele é generoso, e que ele tinha consigo tudo de que você precisa para ficar bom, você viraria a mesa e lhe pediria ajuda.

Jesus disse à mulher: "Se você conhecesse a dádiva de Deus e quem sou eu — você oraria a mim!" Há uma relação direta entre não conhecer Jesus bem e não pedir muito a ele.

A pessoa que não ora geralmente não conhece a Jesus. "Se você soubesse quem estava falando com você, você pediria!"

Uma vida cristã sem oração é como um motorista de ônibus que tenta sozinho tirar o veículo de um atoleiro porque não sabe que Clark Kent está a bordo. "Se você soubesse, você pediria." Uma vida cristã sem oração é como ter as paredes do quarto revestidas de cupons de brinde das Lojas

Americanas, mas sempre comprar no brechó da esquina porque você não sabe ler. "Se você conhecesse a dádiva de Deus e quem está falando com você, você pediria — você pediria!" E a implicação é que aqueles que pedem — cristãos que passam tempo em oração — fazem-no porque veem que Deus é um grande doador e que Cristo é sábio, cheio de misericórdia e poderoso além de qualquer medida. E por isso sua oração glorifica a Cristo e honra seu Pai. O propósito principal do ser humano é glorificar a Deus. Por isso, quando nos tornamos aquilo para o que Deus nos criou, tornamo-nos pessoas de oração.

O texto de Robinson Crusóé

Charles Spurgeon certa vez pregou um sermão sobre esse mesmo assunto e chamou-o de "texto de Robinson Crusóé". Começava assim:

Robinson Crusóé sobreviveu a um naufrágio. Ficou totalmente sozinho em uma ilha deserta. Sua situação era de causar dó. Deitou-se em seu leito, acometido de febre. A febre durou bastante tempo, e ele não tinha ninguém para cuidar dele — nem para lhe trazer um copo de água fresca. Ele estava pronto para morrer.

Estivera habituado ao pecado, e tinha todos os vícios de um marinheiro; mas sua condição desesperadora o fez pensar. Abriu a Bíblia que encontrou em seu baú, e seus olhos caíram sobre a passagem: "Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás". Naquela noite ele orou pela primeira vez em sua vida, e dali em diante houve nele sempre esperança em Deus, o que marcou o nascimento da vida celestial.

O texto de Robinson Crusóé foi Salmos 50.15. Esse é o meio de Deus obter glória para si — Ore a mim! Eu o libertarei! E o resultado será: Você me glorificará!

A explanação de Spurgeon é penetrante:

Deus e a pessoa que ora são parceiros. [...] Primeiro a nossa parte: "Invoca-me no dia da angústia". Depois a parte de Deus: "Eu te livrarei". Novamente é a sua vez — você será livrado. Depois volta a ser a vez de Deus — "Tu me glorificarás".

Aqui temos um acordo, uma aliança que Deus faz com você que ora a ele, a quem ele ajuda. Ele diz: "Você terá seu livramento, mas eu tenho de receber a glória".

Aqui temos uma parceria no prazer: nós obtemos o que necessitamos tão desesperadamente, e tudo o que Deus recebe é a glória devida ao seu nome.

De fato, uma parceria de prazer! A oração é o verdadeiro centro do prazer cristão. Deus recebe a glória; nós, o prazer. Ele recebe a glória exatamente porque se mostra pleno e forte para nos libertar para a alegria. E nós recebemos plenitude de alegria exatamente porque ele é a plena origem da glória e o alvo da vida.

Aqui temos uma grande descoberta. Não glorificamos a Deus atendendo suas necessidades, mas orando para que ele supra as nossas — e confiando em sua resposta.

Será que oração é egocêntrica?

Alguém poderá dizer que isso é egocentrismo. Mas, o que significa "egocêntrico"?

Se significa o desejo de ser feliz, então sim, a oração é egocêntrica.

Mas será que isso é mau, se o que eu suplico é que o nome de Deus seja santificado em minha vida? Se meu clamor é que ele reine em meu coração?

Se meu pedido é que sua vontade seja feita em minha vida assim como é feita pelos anjos no céu?

Se almejo a felicidade de ver e experimentar essas coisas em minha vida, isso é ruim?

Como a vontade de Deus é feita no céu? Com tristeza? Com gemidos? Com murmuração? Não! Ela é feita alegremente! Então, se eu oro: "Seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu", como posso não ser motivado pelo desejo de ser feliz? Será que é uma contradição orar para que a vontade de Deus seja feita em minha vida do mesmo modo como é feita no céu, e depois dizer que para mim é indiferente se sou feliz ou não? Quando a terra se alegrar em fazer sua vontade e o fizer de modo perfeito, sua vontade será feita na terra como é no céu.

Com certeza, porém, não devemos chamar de "egocêntrica" essa busca de felicidade na oração. Ela é radicalmente centrada em Deus. Ao almejar ser feliz, eu reconheço que, no centro da minha vida, há um grande espaço vazio. Anseio por vê-lo cheio. Eu sei que, se ele for preenchido com Deus, minha alegria será completa. "Egocentrismo" não é uma boa maneira de descrever essa paixão por ser feliz em Deus.

Orando como uma adúltera

Mas talvez alguém diga: "Sim, mas nem todas as orações são para que o nome de Deus seja santificado, ou para que seu reino venha. Muitas orações são por comida, roupa, proteção e cura. Esse tipo de oração não é egocêntrico?"

Pode ser. Tiago condenou certo tipo de oração. Disse ele: Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós? (Tg 4.3-5).

Portanto, há um tipo de oração que é errado, porque faz de Deus um marido traído.

Usamos a generosidade do nosso Marido para contratar prostitutas para prazeres pessoais. Essas palavras nos assombram. Tiago nos chama de "adúlteras" se oramos assim.

Ele retrata a igreja como a esposa de Deus. Deus nos fez para si e se deu a nós para nosso prazer. Por isso é adultério quando tentamos ser "amigos" do mundo. Se procuramos no mundo os prazeres que deveríamos buscar em Deus, estamos sendo infiéis aos nossos votos matrimoniais. E, pior que isso, quando nos achegamos ao nosso Marido Celestial e oramos diretamente pelos recursos com que cometeremos adultério com o mundo, isso é uma coisa muito pior.

É como se pedíssemos ao nosso marido dinheiro para contratar prostitutas que nos deem o prazer que não encontramos nele!

Portanto, sim, há um tipo de oração que é egocêntrico num sentido negativo.

Agora surge a pergunta: O que impede que todas as nossas orações sejam adúlteras?

Deliciando-se com a criação sem cometer idolatria

Isso na verdade faz parte de uma pergunta muito maior, que é: Como uma criatura pode desejar e alegrar-se na criação sem cometer idolatria (que é adultério)?

Para alguns essa pergunta pode parecer ser impertinente. Mas para pessoas que anseiam cantar como os salmistas, ela é muito pertinente. Eles cantam assim:

Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre (SL 73.25, 26).

Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo (SL 27.4).

Se seu coração anseia por concentrar-se assim em Deus, então como desejar e alegrar-se em "coisas" sem tornar-se um idólatra é uma questão crucial. Como a oração pode glorificar a Deus se ela é uma oração por coisas? Ela parece glorificar coisas.

Naturalmente, parte da resposta foi dada no texto de Robinson Crusóé, ou seja, que Deus recebe a glória como o Doador todo-suficiente. Mas isso é apenas parte da resposta, porque pode haver um mau uso das coisas, mesmo quando agradecemos a Deus como o Doador.

O restante da resposta é dado por certo cristão que disse:

Você não se compraz no mundo corretamente enquanto não vê como um grão de areia demonstra a sabedoria e o poder de Deus, e preza em cada coisa o serviço que presta a você, manifestando a glória e a bondade de Deus à sua alma, bem mais que a beleza visível na sua superfície ou os serviços materiais que pode prestar ao seu corpo.

E Agostinho orou com as palavras abaixo, que provaram ser imensamente importantes em meu esforço para amar a Deus de todo o meu coração:

Ama-te muito pouco, aquele que ama outra coisa junto contigo, que ele ama não por tua causa. Em outras palavras, se coisas criadas são vistas e usadas como dádivas de Deus e como espelhos da sua glória, não precisam ser ocasiões para idolatria — se nosso prazer nelas é sempre também um prazer em quem as fez.

C. S. Lewis o formulou assim em uma "Carta a Malcolm": Não podemos — ou eu não posso — ouvir o gorjeio de um pássaro simplesmente como um som. Seu sentido ou mensagem acompanha-o inevitavelmente — assim como não se pode ver uma palavra conhecida impressa como um mero padrão visual. Quando o vento estrondeia eu não ouço simplesmente o estrondo; eu "ouço o vento". Essa brisa suave sussurra da terra de onde sopra. É uma mensagem. Sabemos que estamos sendo tocados por um dedo daquela mão direita em que há delícias perpetuamente.

O ato de experimentar a pequena teofania já é adoração em si.

Se nossa experiência da criação se torna uma experiência do dedo divino, então pode ser adoração e não idolatria. Lewis o diz ainda de outra maneira em suas meditações sobre Salmos:

Esvaziando a Natureza da divindade — ou, digamos, das divindades — você pode enchê-la de Deus, porque agora ela é portadora de mensagens. Há um sentido em que a adoração da Natureza a silencia — como quando uma criança ou um débil mental fica tão impressionada com o uniforme do carteiro que esquece de pegar as cartas.

Portanto, pode ser idolatria ou não, orar para que o carteiro venha. Se estamos apenas apaixonados pelos breves prazeres mundanos que seu uniforme nos traz, isso é idolatria. Mas se consideramos o uniforme um bônus grátis que acompanha o prazer real das mensagens divinas, então não é idolatria. Se podemos orar por um cônjuge, um emprego, por cura física, comida ou abrigo por amor a Deus, então mesmo nisso estamos centrados em Deus e não nos revelamos "egocêntricos". Estamos concordando com o salmista: "Não há nada na terra que eu deseje além de ti!" Ou seja, não há nada que eu deseje mais do que o Senhor, e não há nada do que eu quero que não me mostre mais do Senhor.

Glorificando a Deus não o servindo, mas sendo servido por ele

Voltemos à linha de pensamento principal. Eu disse há pouco que o texto de Robinson Crusóé nos proporcionou uma grande descoberta (foi quando alguém objetou que tudo isso é egocentrismo). A descoberta foi que não glorificamos a Deus atendendo suas necessidades, mas orando para que ele supra as nossas — com confiança em sua resposta.

Aqui estamos no cerne das boas novas do prazer cristão.

A insistência de Deus em que lhe peçamos que ele nos dê ajuda para que receba glória (SL 50.15) impõe-nos o fato surpreendente de que temos de parar de servir a Deus e tomar o cuidado especial de deixar que ele nos sirva, para não roubarmos dele a sua glória.

Isso soa muito estranho. A maioria de nós pensa que servir a Deus é algo totalmente positivo. Nunca pensamos que servir a Deus pode ser um insulto para ele. No entanto, meditar no sentido da oração requer que pensemos assim.

Atos 17.24, 25 O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais.

Esse é o mesmo raciocínio do texto de Robinson Crusoe sobre oração:

Se eu tivesse fome, não to diria, pois o mundo é meu e quanto nele se contém. [...] Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás" (SL 50.12, 15).

É evidente que há uma maneira de servir a Deus que o diminuiria, como carente do nosso serviço. "O Filho do homem não veio para ser servido" (Mc 10.45). Ele quer ser o servo. Ele quer receber a glória como doador.

Ainda servo na segunda vinda!

Mesmo em sua glória no fim desta era isso é verdade, não apenas nos dias da sua humilhação terrena. Para mim o quadro mais surpreendente da segunda vinda de Cristo está em Lucas 12.35-37, que retrata o retorno de um senhor de uma festa de casamento: Cingido esteja o vosso corpo, e acesas, as vossas candeias. Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das festas de casamento; para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, os encontre vigilantes; em verdade vos afirmo que ele há de cingir-se, dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá.

Em que sentido Deus é diferente de todos os outros deuses?

É verdade que nós somos chamados servos — e isso, sem dúvida, significa que devemos fazer exatamente o que nos é mandado. O que é assombroso neste quadro é que o "senhor" insiste em "servir", mesmo na época vindoura, quando ele se revelar em toda a sua glória, "com os seus anjos poderosos, em meio a uma chama flamejante" (2Ts 1.7).

Por quê? Porque o âmago da sua glória é a plenitude da graça que transborda em bondade para com os necessitados. Por isso ele pretende "mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus" (Ef 2.7).

Em que consiste a grandeza do nosso Deus? Em que ele é único no mundo? Isaías responde:

Desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera (Is 64.4).

Todos os outros ditos deuses tentam conquistar exaltação fazendo as pessoas trabalhar por eles. Ao fazer isso, apenas provam sua fraqueza. Isaías ridiculariza os deuses que precisam ser servidos por seus seguidores: Bel se encurva, Nebo se abaixa; os ídolos são postos sobre os animais, sobre as bestas; as cargas que costumáveis levar são canseira para as bestas já cansadas (Is 46.1).

Jeremias faz coro à ironia:

Os ídolos são como um espantalho em pepinal e não podem falar; necessitam de quem os leve, porquanto não podem andar (Jr 10.5).

Deus é único. "Desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu..." E sua singularidade é que ele se propõe ser nosso Funcionário, e não vice-versa. Nosso trabalho é "esperar nele".

Deus trabalha para aquele que nele espera

Esperar! Isso significa parar e conscientizar-se com sobriedade da nossa incompetência e da completa suficiência de Deus, buscar conselho e ajuda do Senhor, e esperar nele (SL 33.20-22; Is 8.17). Israel é repreendido por "não lhe ter aguardado os desígnios" (Sl 106.13).

Por quê? Porque, ao não buscarem e esperarem pela ajuda de Deus, perderam a oportunidade de O glorificar.

Por exemplo, em Isaías 30.15, 16 o Senhor diz a Israel: "Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força". Mas Israel se recusou a esperar no Senhor, e disse: "Não! Sobre cavalos fugiremos!"

Então, no v. 18, revelam-se a estupidez e a malignidade dessa correria de iniciativa própria: "O Senhor espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o Senhor é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam". A estupidez de não esperar em Deus está em perdermos a bênção de ter Deus trabalhando por nós. A malignidade de não esperar por Deus está em nos opormos à vontade de Deus de exaltar-se em misericórdia.

Deus exalta a Si trabalhando por aqueles que nele esperam. A oração é a atividade essencial da espera por Deus: o reconhecimento da nossa incapacidade e do seu poder, o pedido por sua ajuda, a busca do seu conselho. Assim fica evidente porque Deus manda tantas vezes que oremos: seu propósito no mundo é ser exaltado por sua misericórdia.

A oração é o antídoto para a doença da autoconfiança, que se opõe ao objetivo de Deus de obter glória ao trabalhar por aqueles que esperam nele.

"Quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele" (2Cr 16.9). Deus não está à procura de pessoas que trabalhem para ele, tanto quanto está à procura de pessoas que o deixem trabalhar por elas. O evangelho não é um anúncio de Precisa-se de Ajuda. O chamado para o serviço cristão também não. Pelo contrário, o evangelho nos ordena a desistir e pendurar um anúncio de Precisa-se de Ajuda (esse é o sentido básico da oração). Assim então o evangelho promete que Deus trabalhará por nós. Ele não transferirá a glória de ser o Doador.

Mas, será que não existe alguma coisa que podemos lhe dar, que não o rebaixe à condição de beneficiário? Sim, há — nossas ansiedades.

É uma ordem: "Lançai sobre ele toda a vossa ansiedade" (1 Pe 5.7).

Deus receberá com prazer qualquer coisa de nossa parte que mostre nossa dependência e sua total suficiência.

A diferença dos reis e presidentes e Jesus Cristo

A diferença entre os reis e presidentes e Jesus Cristo é que os reis e presidentes não alistam em seu serviço alguém que não seja saudável, e Jesus não alista quem não for doente.

"Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores" (Mc 2.17). O cristianismo é fundamentalmente convalescença ("Ore sem cessar" = toque constantemente a campainha da enfermeira). Não são os pacientes que servem os médicos. Eles confiam que os médicos farão bons prescrições.

O Sermão do Monte e os Dez Mandamentos são o regime de saúde prescrito pelo Médico, não a descrição de cargo preparada pelo Empregador.

Portanto, nossa própria vida depende de não trabalharmos para Deus. "Ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Rm 4.4, 5). Operários não ganham presentes. Ganham direitos. Se queremos receber o presente da justificação, não podemos nos atrever a trabalhar. Deus é o Operário nesse negócio. E o que ele ganha é a confiança do seu cliente e a glória de ser o benfeitor da graça, não o beneficiário do serviço.

Também não devemos pensar que, depois da nossa justificação, começa nosso trabalho pelo salário de Deus. "Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" (Gl 3.2, 3). Deus foi quem trabalhou na nossa justificação e é quem trabalha em nossa santificação.

A "carne" religiosa sempre quer trabalhar para Deus (em vez de humilhar-se para entender que Deus tem de trabalhar por ela em graça gratuita). Porém, "se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte" (Rm 8.13). É exatamente por isso que nossa vida depende de não trabalharmos para Deus. Isso quer dizer que não devemos servir a Cristo?

Recebemos a ordem: "Servi ao Senhor!" (Rm 12.11).

Aqueles que não servem a Cristo são repreendidos (Rm 16.18). Sim, temos de servi-lo. Mas tomaremos cuidado para não o servir de uma maneira que indica uma deficiência da sua parte ou nos exalta como indispensáveis.

Servir a Deus é sempre receber

Como, então, devemos servir? Salmos 123.2 indica o caminho: "Como os olhos dos servos estão fitos nas mãos dos seus senhores, e os olhos da serva, na mão de sua senhora, assim os nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus, até que se compadeça de nós". A maneira de servir a Deus de modo que ele receba a glória é olhando para ele para receber misericórdia. A oração evita que o serviço seja uma expressão de orgulho.

Todo servo que tenta livrar-se do domínio divino e estabelecer uma parceria de igual para igual com o seu senhor celestial está em revolta contra o Criador. Deus não faz trocas. Ele dá a misericórdia da vida aos servos que querem tê-la, e o salário da morte aos que não querem.

O bom serviço é sempre e fundamentalmente receber misericórdia, não prestar ajuda.

Portanto, não há bom serviço sem oração.

Como se serve ao dinheiro?

Mateus 6.24 dá outra indicação do que é bom serviço: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas". Com se serve ao dinheiro? Não se ajuda o dinheiro. Não se enriquece o dinheiro. Não se faz o bem ao dinheiro. Então, como se serve ao dinheiro?

O dinheiro exerce certo controle sobre nós porque parece trazer tantas promessas de felicidade. Ele sussurra com muita convicção: "Pense e aja para estar em condições de receber meus benefícios". Isso pode incluir roubar, emprestar ou trabalhar. O dinheiro promete felicidade, e nós o servimos crendo na promessa e andando por essa fé. Assim, não servimos o dinheiro colocando nosso poder à sua disposição para o seu bem; nós o servimos fazendo o que é necessário para que o poder do dinheiro esteja à nossa disposição para o nosso bem.

O mesmo tipo de serviço a Deus deve estar em vista em Mateus 6.24, já que Jesus põe os dois, lado a lado: "Não podeis servir a Deus e ao dinheiro". Portanto, se queremos servir a Deus e não ao dinheiro, teremos de abrir os nossos olhos para a promessa de felicidade enormemente superior que Deus faz.

Só então Deus exercerá um controle maior sobre nós do que o dinheiro.

Assim, serviremos a Deus crendo em sua promessa de alegria plena e andando por essa fé. Não serviremos tentando pôr o nosso poder à sua disposição para o seu bem, mas fazendo o que é necessário para que o seu poder esteja sempre à nossa disposição para o nosso bem. E, naturalmente, Deus mostrou que seu poder estará à nossa disposição pela oração: "Pedi e recebereis!" Portanto, servimos pelo poder que vem pela oração, quando servimos para a glória de Deus. Sem dúvida esse tipo de serviço também implica obediência. O paciente que confia nas receitas do seu médico, obedece a elas. O pecador convalescente confia nas orientações dolorosas do seu terapeuta e as segue. Somente dessa maneira conservamo-nos em condições de nos beneficiar do que o Médico divino tem a oferecer. Em toda essa obediência, nós é que somos os beneficiários. Deus é sempre o Doador. Porque é o Doador quem recebe a glória.

O Doador recebe a glória

1 Pedro 4.11 formula muito bem esse princípio: "Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém".

O Doador recebe a glória. Assim, todo serviço que honra a Deus tem de ser um ato de receber. Isso quer dizer que todo serviço tem de ser feito pela oração.

Na verdade, devemos trabalhar arduamente; mas jamais esqueçamos que não somos nós, mas a graça de Deus conosco (I Co 15.10). Obedeçamos agora, como sempre, sem jamais esquecer que é Deus quem trabalha em nós, tanto para querer como para fazer o que lhe agrada (Fp 2.13). Espalhemos o evangelho em todas as direções, e nos consumamos em prol dos eleitos de Deus, mas jamais nos aventuremos a falar de qualquer coisa que não seja o que Cristo operou por nosso intermédio (Rm 15.18). Oremos sempre por seu poder e sabedoria, de modo que todo o nosso serviço seja o transbordar de "justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Aquele que deste modo serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens" (Rm 14.17, 18).

Portanto, as surpreendentes boas novas implícitas no dever de orar são que Deus jamais abrirá mão da glória de ser nosso servo. "Nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera" (Is 64.4).

A oração como busca da nossa alegria

Preservada de modo singular no ato de orar está a junção de dois objetivos: a busca da glória de Deus e a busca da nossa alegria. Até aqui neste capítulo meditamos sobre a oração como a busca da glória de Deus, tendo João 14.13 como ponto de partida: "Tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho". Agora nos voltamos para as palavras de Jesus em João 16.24: "Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa".

Isso não é um convite claro ao prazer cristão? Busque a plenitude da sua alegria! Ore! A partir dessa palavra sagrada e da experiência, podemos inferir uma regra simples: nos cristãos professos, a falta de oração produz falta de alegria. Por quê?

Por que uma vida profunda de oração leva à plenitude de alegria, e uma vida superficial sem oração tira a alegria? Jesus apresenta pelo menos dois motivos no contexto de João 16.24.

A oração é o centro nervoso da comunhão com Jesus

A primeira razão por que a oração leva à alegria apresenta-se em João 16.20-22. Jesus previne os discípulos de que eles se entristecerão com sua morte, mas recuperarão a alegria com a sua ressurreição. Separação de Jesus significa tristeza. Restauração à comunhão significa alegria. Com isso aprendemos que nenhum cristão pode ter alegria completa sem comunhão vital com Jesus Cristo. Conhecimento sobre ele não basta. Trabalhar para ele não basta. Precisamos ter comunhão pessoal, vital com ele; de outra forma, o cristianismo torna-se um peso desanimador.

Em sua primeira carta, João escreveu: "A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa" (1Jo 1.3, 4). Comunhão com Jesus compartilhada com outros é essencial à plenitude da alegria.

A primeira razão, portanto, por que a oração leva a plenitude de alegria é que a oração é o centro nervoso da nossa comunhão com Jesus. Ele não está aqui fisicamente para o vermos. Mas na oração, falamos com ele como se estivesse. E no sossego desses momentos sagrados ouvimos sua Palavra e derramamos perante ele nossas ansiedades.

Talvez João 15.7 seja o melhor resumo dessa comunhão em oração: "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito".

Quando as palavras bíblicas de Jesus permanecem em nossa mente, ouvimos os pensamentos do próprio Cristo vivo, porque ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. E desse ouvir profundo do coração brota a linguagem da oração, um incenso suave diante do trono de Deus. A vida de oração leva à plenitude de alegria porque a oração é o centro nervoso da nossa comunhão vital com Jesus. Jonathan Edwards nos faz um relato dos seus primeiros anos, para ilustrar até onde e com que intensidade essa comunhão pode se elevar:

Eu tinha anseios muito intensos na alma por Deus e Cristo, e por mais santidade, com o que meu coração parecia estar cheio, a ponto de se partir. [...] Passei a maior parte do tempo pensando em coisas divinas, ano após ano; com frequência andando sozinho em florestas e em lugares solitários para meditar, falar sozinho, orar, conversar com Deus; e era sempre meu hábito, nessas ocasiões, cantar minhas contemplações. Eu estava quase constantemente expressando-me em oração, onde quer que estivesse. A oração parecia ser natural para mim, a respiração que dava vazão ao ardor de dentro do meu coração.

A oração é a maneira escolhida por Deus para nos encher de alegria, porque serve de válvula para o ardor de dentro do nosso coração por Cristo. Se não tivéssemos essa válvula, não poderíamos ter comunhão com ele em resposta à sua Palavra, seríamos realmente miseráveis.

A oração capacita para a missão do amor

Há uma segunda razão por que a oração leva à plenitude da alegria: ela fornece o poder para fazer o que gostamos de fazer, mas não conseguimos sem a ajuda de Deus. O texto diz: "Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa". Receberemos o quê? O que nos trará alegria completa? Não uma vida almofadada, protegida e confortável. Pessoas ricas são tão miseravelmente infelizes como as pobres. O que precisamos em resposta a oração para preencher nossa alegria é o poder para amar. Ou, como diz João, o poder de dar fruto. A oração é a fonte da alegria porque é a fonte do poder para amar.

Vemos isso duas vezes em João 15. Primeiro nos v. 7 e 8: Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto.

Fica bem clara a ligação entre a oração e dar fruto. Deus promete responder às orações de pessoas que estão buscando o fruto que cresce para a sua glória.

Os v. 16 e 17 apontam na mesma direção: Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

A lógica aqui é crucial. Observe: por que o Pai há de dar aos discípulos o que eles pedirem em nome de Jesus? A resposta é: porque eles receberam a ordem de dar fruto. A razão por que o Pai dá aos discípulos a dádiva da oração é que Jesus lhes deu uma missão. Realmente, a forma gramatical de João 15.16 dá a entender que a razão de Jesus lhes dar sua missão é que eles possam gozar o poder da oração: "Vos designei para que vades e deis fruto, [...] a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai, [...] ele vo-lo conceda".

Não está claro que o propósito da oração é realizar uma missão? Uma missão de amor — "isto vos mando: que vos ameis uns aos outros". É como se o comandante (Jesus) tivesse convocado a tropa, dado-lhe uma missão crucial (ir e dar fruto), entregado a cada soldado um transmissor pessoal sintonizado na frequência do quartel general, e tivesse dito: "Camaradas, o general tem uma missão para vocês. Ele quer vê-la cumprida. Com esse propósito, ele deu a cada um de vocês acesso pessoal a ele por meio desses transmissores. Se vocês forem fiéis à sua missão e procurarem antes de qualquer coisa a sua vitória, ele estará sempre tão perto de vocês como este transmissor, para dar-lhes conselhos táticos e enviar cobertura aérea quando precisarem dela".

Será que um transmissor militar pode ser um interfone doméstico?

Será que muitos dos nossos problemas com a oração e boa parte da nossa fraqueza na oração vêm do fato de que não estamos todos no serviço ativo, e mesmo assim tentamos usar o transmissor? Pegamos um transmissor militar e tentamos transformá-lo num interfone civil para chamar os empregados para uma hora agradável na cozinha.

Há outros exemplos do significado militar da oração nas Escrituras. Em Lucas 21.34-36, Jesus avisa seus discípulos de que tempos de grande desânimo e oposição estão pela frente. No fim ele diz: "Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do homem".

Em outras palavras, seguir a Jesus nos levará inevitavelmente a um conflito intenso com o mal. Esse mal nos cercará, atacará e ameaçará destruir nossa fé. Por isso Deus nos deu um transmissor. Se formos dormir ele não nos servirá para nada, mas se estivermos alerta e chamarmos por ajuda no conflito, o reforço chegará, e o general não permitirá que aos seus soldados fiéis seja negada a coroa de vitória perante o Filho do homem.

A vida é uma guerra. E "a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Por isso Paulo nos manda tomar "o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isso vigiando com toda perseverança" (Ef 6.12, 17, 18).

Assim, vemos repetidas vezes nas Escrituras que a oração é um transmissor militar para ser usado na guerra, não um interfone doméstico para aumentar nosso conforto. O objetivo da oração é capacitar para a missão.

Orem "também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho" (Ef 6.19).

"Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo" (Cl 4.3).

"Lutai juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que [...] este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos" (Rm 15.30, 31).

"Irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada" (2Ts 3.1).

"Rogai ao senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara!" (Mt 9.38).

A alegria completa que buscamos é a alegria do amor que transborda para outras pessoas. A alma nunca ficará satisfeita ganhando enquanto não transbordar dando.

E não há sacrifício que destrua o prazer da alma de um povo obediente em uma missão de amor da parte de Deus, para o que a oração é sua provisão estratégica.

Portanto, a razão por que oramos é "para que nossa alegria seja completa".

A comunhão com Jesus é essencial à alegria, mas há algo nela que nos impele para fora, para compartilhar a vida dele com outros. Um cristão não pode ser feliz e mesquinho. "Mais bem aventurado é dar do que receber." Por isso, a segunda razão por que a vida de oração leva à plenitude de alegria é que nos dá poder para amar. Se a torneira do amor seca é porque o cano da oração não é suficientemente profundo.

Amor é fruto do Espírito (Gl 5.22), e o Espírito é dado em resposta à oração (Lc 11.13). Amor é produto da fé (Gl 5.6), e a fé é mantida pela oração (Mc 9.24; Lc 22.32). O amor está ancorado na esperança (Cl 1.4, 5), e a esperança é mantida pela oração (Ef 1.18). O amor é guiado e inspirado pelo conhecimento da Palavra de Deus (Fp 1.9; Jo 17.17), e a oração abre os olhos do coração para as maravilhas da Palavra (Sl 119.18). Se o amor é o caminho da alegria completa, então oremos pelo poder de amar, "para que a nossa alegria seja completa"!

A alegria final do povo de Deus

Qual será a alegria final do povo de Deus? Não será o dia em que a glória do Senhor encher a terra como as águas cobrem o mar? Não será o dia em que nossa missão estiver cumprida e os filhos de Deus forem reunidos (Jo 11.52) dentre todos os povos, línguas, tribos e nações (Ap 7.9); quando todas as causas do pecado e do mal e todos os malfeitores forem tirados do reino de Cristo e os justos brilharem como o sol no reino do seu pai (Mt 13.42,43)?

E o trabalho missionário na linha de frente não é um caminho para essa alegria final? E não é o trabalho missionário da linha de frente despertado e mantido por um movimento de oração? Essa era a convicção da primeira igreja (At 1.14; 4.23-31; 6.4; 10.9; 12.5; 13.3; 14.23 etc.) e dos puritanos do século XVII, dos morávios e dos evangélicos americanos do século XVIII, e do movimento estudantil e leigo do século XIX. Também é convicção cada vez mais profunda de muitos líderes de agências missionárias de hoje.

Como veio um grande avivamento

É verdade. A história dá testemunho do poder da oração como prelúdio do despertar espiritual e do avanço missionário. Um exemplo da história da cidade de Nova York: pouco antes da metade do século XIX, a luz de despertamentos religiosos anteriores havia-se apagado. A cidade, como a maior parte do país, era próspera e sentia pouca necessidade de buscar a ajuda de Deus. Então vieram os últimos anos da década de 1850:

As condições seculares e religiosas se somaram para causar um desastre. O terceiro grande pânico na história americana varreu do mapa a estrutura precária da riqueza especulativa. Milhares de empresários foram colocados contra a parede com o fracasso dos bancos, e as estradas de ferro abriram falência. Fábricas foram fechadas e multidões de trabalhadores foram lançadas no desemprego, com 30 000 homens sem serviço apenas na cidade de Nova York. Em outubro de 1857, o coração das pessoas estava completamente curado da especulação e do ganho incerto, com a fome e o desespero a encará-las.

No dia primeiro de julho de 1857, um homem de negócios tranquilo e esforçado de nome Jeremiah Lanphier assumiu o posto de missionário urbano no centro de Nova York. Ele fora indicado pela Igreja do Norte da Igreja Reformada Holandesa. Essa denominação estava sofrendo perda de membros por causa da mudança das pessoas do centro para bairros residenciais melhores, e o novo missionário urbano ocupou-se com visitas diligentes na vizinhança imediata, objetivando conquistar frequentadores para os cultos entre a população flutuante da cidade baixa.

A direção da igreja sentiu que tinha indicado o leigo ideal para a tarefa, e era mesmo.

Sentindo o fardo da necessidade, Jeremias Lanphier decidiu convidar outros a juntar-se a ele para orar na hora do almoço, uma vez por semana, nas quartas-feiras. Para tanto distribuiu um folheto com os seguintes dizeres: **COM QUE FREQUÊNCIA DEVEMOS ORAR?**

Com a frequência com que a linguagem da oração estiver em meu coração; com a frequência com que eu vir minha carência de ajuda; com a frequência com que eu sentir a força da tentação; com a frequência com que minha atenção for chamada para qualquer desvio espiritual ou eu sentir o ataque de um espírito mundano.

Na oração deixamos a ocupação do tempo pela da eternidade, e o relacionamento com as pessoas pelo relacionamento com Deus.

Uma reunião de oração diurna será realizada toda quarta-feira das 12 às 13 horas no escritório da denominação nos fundos da Igreja Holandesa do Norte.

Essa reunião tem o propósito de dar a comerciantes, mecânicos, escriturários, viajantes e negociantes em geral uma oportunidade para parar e invocar a Deus em meio à perplexidade inerente à sua respectiva vocação. Durará uma hora, mas também se destina àqueles para quem é inconveniente permanecer mais do que cinco ou dez minutos, bem como àqueles que podem separar uma hora inteira.

Como programado, ao meio-dia de 23 de setembro de 1857 a porta se abriu e o fiel Lanphier ocupou seu lugar para esperar a resposta ao seu convite. [...]

Passaram-se cinco minutos. Ninguém apareceu. O missionário andou pela sala, em meio ao conflito entre medo e fé. Dez minutos passaram. Ainda ninguém. Quinze minutos.

Lanphier ainda estava sozinho. Vinte minutos. Vinte e cinco. Trinta. Então, às 12:30, ouviram-se passos na escada, e a primeira pessoa apareceu, depois outra, outra e mais outra, até que seis pessoas se fizeram presentes e a reunião de oração começou. Na quarta-feira seguinte [...] havia

quarenta intercessores. Por isso, na primeira semana de outubro de 1857 decidiu-se realizar a reunião todos os dias e não apenas uma vez por semana. [...]

No espaço de seis meses, dez mil homens de negócios estavam se reunindo diariamente em Nova York para orar, e dentro de dois anos um milhão de convertidos foi acrescentado às igrejas americanas. [...] Sem dúvida alguma o maior avivamento da história colorida de Nova York estava varrendo a cidade, e foi de tal ordem que deixou todo o país curioso. Não houve fanatismo, nada de histeria, simplesmente um incrível mover das pessoas à oração.

E a alegria de Jeremiah Lanphier foi muito grande. "Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa."

Resumo e exortação

A Bíblia ensina claramente que o alvo de tudo o que fazemos deve ser glorificar a Deus. Mas ela também ensina que, em tudo o que fazemos, devemos buscar a plenitude da nossa alegria. Alguns teólogos têm tentado afastar essas duas buscas uma da outra. A Bíblia, porém, não nos força a escolher entre a glória de Deus e a nossa alegria. Na verdade, ela nos proíbe a escolha. E o que vimos neste capítulo é que a oração, talvez com mais clareza que qualquer outra coisa, preserva a unidade dessas duas buscas.

A oração busca a alegria na comunhão com Jesus e no poder de compartilhar a sua vida com outros. E a oração busca a glória de Deus tratando-o como o reservatório inextinguível de esperança e ajuda. Na oração admitimos nossa pobreza e a prosperidade de Deus, nossa falência e sua abundância, nossa miséria e sua misericórdia. Por isso, a oração exalta e glorifica a Deus grandemente, exatamente por buscar nele tudo o que ansiamos, e não em nós mesmos. "Pedi e recebereis, [...] a fim de que o Pai seja glorificado no Filho, [...] e a vossa alegria seja completa."

Termino este capítulo com uma exortação séria. Uma das principais razões por que tantos filhos de Deus não têm uma vida de oração significativa não se deve tanto a que não queremos, mas a que não planejamos. Se você quer tirar quatro semanas de férias, você não levanta simplesmente numa manhã de verão e diz: "Ei, é hoje que nós vamos!" Você não terá nada pronto. Você não saberá aonde ir. Nada foi planejado. Mas é assim que muitos de nós tratam a oração. Levantamos dia após dia e constatamos que momentos significativos de oração deveriam fazer parte da nossa vida, mas as coisas nunca estão prontas. Não sabemos aonde ir. Nada foi planejado: nem o tempo, nem o lugar, nem o procedimento. E todos nós sabemos que o oposto do planejamento não é um fluir maravilhoso de experiências profundas e espontâneas em oração. O oposto de planejamento é rotina. Se você não planeja as férias, você provavelmente ficará em casa assistindo televisão. O fluir natural, não planejado da vida espiritual acompanha a maré mais baixa da vitalidade. Há uma corrida a correr e uma luta a vencer. Se você quer renovação em sua vida de oração, você tem de planejar para atingi-la. Por isso, minha exortação simples é essa: separe tempo ainda hoje para repensar suas prioridades e onde a oração se encaixa. Tome alguma decisão nova. Tente uma nova aventura com Deus. Determine o período. Defina o lugar. Escolha um trecho da Bíblia para guiá-lo. Não se deixe tyrannizar pela pressão das ocupações do dia-a-dia.

Todos nós necessitamos de correções de rota no meio do caminho. Faça desse dia um dia de retorno à oração — pela glória de Deus e pela plenitude da sua alegria.